

# CONGRESSO ACADEMICO

## PUBLICAÇÃO MENSAL

REDACTORES:

Newton Burlamaqui (Redactor-Chefe)—Rodrigo Costa (Redactor-Secretario)  
Augusto Aristheu (Redactor-Gerente) Laudelino Baptista

CAPITAL

TRIMESTRE..... 2\$000

Recife, 15 de Outubro de 1897

FORA DA CAPITAL

TRIMESTRE..... 2\$500

### AVISO

O *Congresso Academico* está registrado perante o Official publico de hypotheca segundo determina a lei federal n. 172 de 10 de Setembro de 1893 e assignou termo de responsabilidade, nas pessoas de dous de seus redactores, no Contencioso Municipal, segundo prescreve a lei estadual n. 140 de 28 de Junho de 1895.

Destas leis decorre que o *Congresso Academico* é uma pessoa juridica e que somente nós podemos usar *ex-jure* do titulo *Congresso Academico*.

### EXPEDIENTE

REDAÇÃO — RUA PAULINO CAMARA N. 28. 2.º ANDAR

SUMMARIO:—*Veritas*. — *Origem da Plebs*, segundo *Fustel de Coulanges*, Samuel Mac-Dowell filho. — *Dinorah*, A. F. B.—*O evolucionismo no Direito Civil*, Rodrigo Costa. — *Após a tormenta*, Augusto Cavalcanti.— *Uma sociedade de letras*, Soriano de Albuquerque.— *A prova dos methodos*, Bento Bandeira.— *A Ilhota*, Corrêa Lima.— *A Instituição do Jury*, Laudelino Baptista.— *Cartas na mesa*, Augusto Aristheu.— *O Colibri*, Julio Montenegro. — *Archivo*. — *Soliloquio*, Augusto Meira.— *Vaidosa*, Augusto Aristheu.

### CONGRESSO ACADEMICO

#### VERITAS

Recife, 15 de Outubro de 1897.

Os ventos desencadeados das grandes tempestades quando ululam em suas enraivecidas escaramuças vão levando de vencida desde o fragil arbusto que dorme silente e quedo no

deserto até a secular baobab da floresta virgem.

Nessa devastação aterradora, tetrica, derrocariam os mares, o céu, a terra, tudo enfim, se não recuassem ao encontro fatal das leis universaes que regem o mundo. Assim como os elementos cosmologicos se agitam, se movem irados, ameaçando a extinção dos bellos reinos da criação para depois cederem medrosamente á grande lei da evolução, que tudo crea e edifica, tambem as paixões, os odios dos homens insensatos, acastellados no reducto da ignorancia, da inveja e da mentira, esboroam-se miseravelmente ao influxo sublime da justiça, do direito e da moral; covardemente esses desorientados fogem e vão curtir sua vergonha sob os farrapos da traição, onde não raro urdem, uma, duas e mais vezes com o máo exito da primeira...

Acodem-nos essas ligeiras considerações ao voltarmos nossas vistas para o *Congresso Academico*, cujos fins utilitarios, nobilissimos tanto echo têm feito na opinião, não merecendo portanto, essa gratuita campanha que lhe move uma dissidencia injustificavel, incapaz de certo, de empannar o rebrilho do seu luminoso sulco.

A bandeira opposicionista hasteada por nove dos nossos operosos consocios, que n'um momento de irreflexão mentiram á fé jurada, usando de motivos frivolos ou imaginarios para alliciar elementos heterogeneos, hostis e estranhos á nossa associação, não attrahiria a nossa attenção, passaria mesmo desaperecebida se não fora um ou outro espirito de eleição que vagueia lá pelo pequenino nucleo.

Só por isso ás suas consequencias poderiam trazer algum embaraço á nossa integridade social, só por isso ainda procuramos nas leis do nosso

paiz o remedio preventivo para restabelecer o estado hygido da nossa associação, quando por ventura fosse compromettido.

E' assim que, conhecendo os intuitos pouco razoaveis da minoria dos nossos confrades, a pujante maioria do *Congresso Academico*, por delegação a tres membros da sua Directoria, resolveu fazel-o registrar perante o tabelião publico, de conformidade com a lei federal n. 172 de 10 de Setembro de 1893, que garante todos os direitos ás sociedades que, assim constituidas, ficam tendo personalidade juridica, por serem *representadas activa e passivamente em juizo e em geral nas suas relações para com terceiros* por meio de responsaveis conhecidos e legaes.

E' assim que, usando de iguaes attribuições, os principaes redactores desta revista, assignaram perante o Contencioso Municipal o *termo de responsabilidade*, exigido pela lei estadual n. 140 de 28 de Junho de 1895, em virtude do qual ficou legalmente reconhecida a nossa folha *sem direito a outrem usar de igual jornal com a mesma denominação de Congresso Academico*.

Tomadas essas medidas que foram dictadas pelo imperio da integridade social que nos cumpre manter e legitimamente representar, aconselhamos aos nossos collegas de voltarem ao periodo da calma. A obstinação em que se acham de publicar um *pseudo congresso* pavoneado com o nosso titulo lhes será prejudicial e fatal, já porque facil será ao nosso leitor distinguir o joio do trigo, já porque dia a dia vão semeando cyprestes funerarios em derredor da vala commum que recolherá em breve todos os exemplares do *Congresso Apocripho* de que se constituiram coveiros.

Não se origina da fraqueza o conselho que acima registramos, mas da solidiedade que procuramos manter. A lucta a que a fracção dissidente suppôz arrastar a nossa benefica corporação, de modo algum perturbou o somno tranquillo da sua existencia impolluta, antes teve por consequencia, na phrase de F. Puglia, um processo de desenvolvimento, de evolução, uma passagem de uma a outra melhor forma de existencia. Como um oceano a que se oppõe um dique ou um cáes immenso, as urzes do caminho, recuarão em breve, desfazendo-se em espumas, e, refluidas a insignificancia d'onde sahiram, quedar-se-ão estagnadas, roendo medrosamente o granito que as impedirá de extravazar. (\*)

Luctar é viver e o *Congresso Academico* viverá eternamente porque os grandes emprehendimentos são como a eternidade: não morrem nunca.

### Origem da «Plebs» segundo Fustel de Coulanges (1)

Os plebeus, que, na epocha de Cicero, vemos constituirem uma parte do *populus romanus*, cooperando nas curias, na magistratura e no sacerdocio, organisando-se em *gentes* e praticando os *sacra*, ao modo dos patricios, não nos devem illudir sobre o que tenha sido a *plebs* na Roma primitiva.

E' certo que só através de grandes difficuldades conseguimos abrir frincha por onde possa coar alguma luz, diffusa embora, para a treva d'esse preterito longinquo.

Mas, se nenhum dôcumento authentico d'aquelles tempos antiquissimos nos guardou na taboa, na pedra ou no bronze os echos dos vagidos da plebe, fôra desconhecer a solicitude com que o romano zelava os annaes da sua historia, a sua veneração, o seu culto pelo passado,—desesperar de encontrar, entre os vestigios, os restos de factos, de côstumes, de leis que a tradição perpetúa e o historiador vae recolhendo e transmittindo á posteridade, algo que baseie solidamente a recomposição d'aquelle elemento importante da população romana, em a sua figura primitiva.

Esses fragmentos existem effectivamente, porém estam por tal forma esparsos e truncados que ingente tarefa se torna semelhante restituição historica.

D'ahi a divergente opinião dos eruditos sobre a origem da *plebs*, os quaes,

(\*) Este pensamento é do Dr. M. Junior, com algumas alterações.

(1) *Questions historiques*, Paris, Hachette & C., 1893.

fugidio o dado positivo, entregam-se ás fallazes seducções da conjectura.

A alguns, como a Lange, a Pierantoni, a Laurent, se afigura que os plebeus eram os descendentes de uma antiga população vencida, enquanto que os patricios eram a progenie dos antigos vencedores.

Em contrario, Niebuhr e Schwegler teem para si que os plebeus haviam sido os vencidos das cidades visinhas.

Belot faz do patriciado e da plebe dois povos absolutamente distinctos, sendo o primeiro o habitante da cidade e a segunda constituida pelos pequenos proprietarios rurales. Aceita esta hypothese seria sobretudo pelo domicilio que se differenciam.

Observou Mommsen por sua parte que os *clientes* que se emancipavam do patronato tornavam-se plebeus. N'este facto porém, não se pode descobrir a origem primaria, senão a causa do grande desenvolvimento da plebe, como adverte Fustel de Coulanges.

No pensar do eminente historiographo que acabamos de citar, devem afastar-se do estudo das instituições antigas pretensas analogias com a historia da idade media ou com a historia moderna.

E' assim que, de accordo com os seus processos habituaes de analyse rigorosa e documentada, elle diz que cumpre observar taes instituições em si mesmas, pondo de parte qualquer comparação e firmando-as no pequeno numero de factos certos que os escriptores antigos nos transmittiram.

Alheia a este criterio, a primeira das epiniões a que nos referimos não se apoia em texto, nem em facto de especie alguma; porquanto não se encontra uma narrativa de conquista, uma referencia á subjeição da população primitiva, nas tradições dos primeiros tempos de Roma, tam numerosas todavia. Longe d'isto, as ha incompativeis com uma subjugação dos antigos habitantes, nas quaes sempre sam consideradas pertencentes ao patriciado familias, como a dos *Potitii* e a dos *Pinarii*, que, antes de Romulo, já estavam estabelecidas no local onde Roma devia erguer-se. Demais nunca se vê os patricios atirarem aos plebeus o labéo de vencidos ou justificarem seus privilegios pelo facto de uma conquista.

Quanto á opinião de Niebuhr e de Schwegler, é certo que os reis vencedores iam levando para Roma parte da população das cidades latinas e sabinas por elles subjugadas; mas tambem as tradições nos mostram que já existia uma plebe antes da dominação das cidades visinhas.

D'ahi o que se infere é que as guerras dos réis não crearam a plebe, augmentaram-na provavelmente.

Nem Cicero, nem Tito Livio, nem escriptor algum dos antigos parece ter tido idéa de uma população burgueza — os patricios, ao lado de uma população rural — a plebe, de accordo com a pretensão de Belot. O que a historia

romana nos relata é que patricios e plebeus moravam assim no campo como na cidade, segundo as suas preferencias ou as suas necessidades. De luctas com o caracter de antagonismo entre uma população rural e outra urbana não nos chegou noticia.

(Continúa)

SAMUEL MAC-DOWELL FILHO.

### Dinorah

(A CLOVIS BEVILAQUA)

O dia amanhecera delicioso, e a frescura aromatisada pelas flores silvestres dava ao ambiente uma seducção especial.

Dinorah levantou-se ainda muito cedo e foi passear pelo campo com o seu irmãozinho.

Ella era intelligente e travessa em extremo, porém obediente e bôa. As duas creanças iam se divertindo ora em gritar e ouvir ao longe a resposta do echo, ora cantando e apanhando seixinhos pelo caminho. Nunca perdiam de vista a casa, receiosos de des-caminho e em obediencia á mãe.

Depois de muito correr e brincar iam os pequenos retomar o caminho de casa. Mas havia tanto encanto e tanta belleza em redor delles, que não poderam resistir; sentaram-se debaixo de um arvoredinho e deixaram a vista correr livremente. De quando em vez, um passaro arrufava as azas e cantava até fartar-se. Depois olhava-os orgulhoso como a fazer-lhes inveja, e n'um vôo longo, com o mesmo zumbido que fazem as serpentinas, desapparecia nos ares... E assim des-cuidosos não sentiam a chuva fina que vinha cahindo devagar, e nem a mudança do tempo.

Muito ao longe ouvia-se um ribombo de trovão saudoso, e uma vez por outra, um relampago fuzilava rapido, n'um voltear bonito como uma fita de fogo. A menina assustada corre ao alcance de casa com o irmão seguro pelo braço. Mas um ronco medonho, semelhante ao rugido de um leão atroou no espaço. As creanças, cada vez mais assombradas, corriam e em grandes gritos chamavam pelos pais, quando um novo estampido se fez ouvir, precedido por subito clarão.

Uma faisca electrica cahira sobre a infeliz Dinorah, fulminando-a immediatamente.

O menino ainda entontecido, levantou-se e procurou despertar a irmã que

não fazia mais um movimento si quer ! Nada conseguindo, olha indeciso para os lados e deixa a pequenina, sozinha atravessada no caminho lamacento, com os olhos sumidos nas orbitas e as feições contrahidas. Toma o caminho de casa, onde é recebido com a maior alegria.

A mãe afflicta pergunta :

E Dinorah ! ?

Dinorah ! ? ah ! ella não quiz accor- dar, está muito longe dormindo no meio da estrada...

Recife, 4 de Outubro de 1897.

A. F. B.

## O evolucionismo no Direito Civil

E' incompativel com o espirito scientifico esse exclusivismo de escola com que se adornam os corypheos da nova intuição do direito.

Querendo destruir todo o seivoso patrimonio do passado e edificar o cosmo do direito moderno em bases positivo-naturalisticas, os innovadores sectarios enveredam por intrinca- dos dedalos onde o abstruso da idéa se patentêa em toda a sua evidencia e a apparente solidez de sua contextura se esvae ao sopro sensato da critica.

Todos os phenomenos são regidos por leis, mas querer deste principio deduzir que as mesmas leis do mundo physico são applicaveis ao mundo moral, e que, por conseguinte, ha uma necessaria dependencia entre as manifestações vitaes dos dous mundos é desconhecer a sua composição chimica e metachimica.

Si as sociedades fossem engrenagens movidas por alguma força mechanica que lhes dirige os passos nesta ou naquella direcção, seria logico dizer-se que ha unidade de leis, identicas leis actuam em a natureza physica e psychica.

Mas estudando-se o tecido da socie- dade, á luz de principios rigorosos, depurando-se os erroneos conceitos no crysol de critica competente, verifica se que o *appetitus societatis* de que nos falla Hugo Grotius paira em atmos- phera superior ás rudimentares mani- festações instinctivas dos animaes in- feriores.

O idéal que alenta o homem em seu percurso terreno sé engasta em esplendi- das iriações soberbas no nacar pre- cioso das conquistas civilisadoras.

As produções de sua intelligencia são alavancas poderosas, arietes for- midandos capazes de modificar as condi- ções da vida, insuflando-lhe elemen- tos novos, reconstructores da energia enfermiza, sem comtudo fazerem *tabula rasa* dos subsidios accumulados lenta e efficaçmente na retorta do pen- samento.

Os philosophos-juristas são accordes em que ha uma lei reguladora dos phe- nomenos sociaes, divergem, porém,

quanto ao modo de fórmulal-a, esta- belecendo precisamente as phases por que passa o direito em sua gestação millenar.

E' mais ou menos acceita a evolução que se dá em Direito Criminal da uni- versalidade primitiva do *talião* e da *vingança familiar*, seguidos da *compo- sitio* e mais tarde do *processo ex-officio*; em Processo Criminal da universalida- de primitiva das *ordalias*, dos *juizos de Deus*; em Direito Civil da univer- salidade primitiva da *communhão de aldêa*, da *communhão familiar* como re- gimens de bens antes da gradual apparição da propriedade privada; em direito das obrigações os contractos reaes precederam os consensuaes. (1)

Como regimens de pessoas a univer- salidade primitiva do *patriarchado* se impõe, não passando de mera phanta- sia litteraria o matriarchado de Ba- chofen quando, estudando os mythos e tradições antigas, apresenta-nos qua- tro momentos diversos da evolução: 1.º o *hetairismo* dividido em dous pe- riodos, *união aphrodisistica* ou *tempora- ria* e *união frumentaria* ou ligada ao *trabalho*; 2.º o *matriarchado*; 3.º o *amazonismo*; 4.º o *appollinismo* ou *patriarchado*.

Depois dos estudos de Westermarek e Sumner Maine sobre as origens da familia humana o matriarchado, como fórmula primitiva e universal do in- stincto da procreação, diluiu-se á se- melhança desses alvacentos lençoes de orvalho que evaporam-se ao contacto dos raios solares.

Darwin formulou uma serie de leis biologicas sobre o desenvolvimento dos seres: a passagem do homogeneo para o heterogeneo, a selecção, a lucta pela existencia, o nascimento concomitante do orgão e da função.

A hypothese darwiniana, entretan- to, não pode ser acceita como verdade incontestada e absoluta a que ninguem possa fugir, sob pena de ser *atrizado*, *aprioristico* ou *metaphysico* (termos com que certa *escola* mimosêa quem não lhe acceita todos os principios); pois que as observações sobre que se ba- sêa são meros presuppstos, ponto de partida para o desdobraimento de toda a theoria.

Os sociologos tentaram estender as leis biologicas da evolução a todos os phenomenos humanos; mas os *resultados foram mesquinhos, porque o darwi- nismo é nas sciencias naturaes não só uma serie de leis evolutivas, mas ainda um conjuncto de observações agudas e substanciaes; ao passo que querendo transportal-o ás disciplinas sociaes, aquellas observações de nada servem, e resta sómente pequena parte de leis for- maes, o que é pouco e não lança luz alguma.* (2)

Manouvrier pensa que a anthropol- ogia juridica é a denominação ade- quada para o conjuncto de principios

(1) Gabriel Tarde. *Les Transformations du Droit* pag. 12.

(2) Pietro Cogliolo, *Filosofia del Diritto Privato* pag. 21.

reguladores da vida juridica, Gabriel Tarde ao contrario prefere a de *evolu- ção juridica*.

Convem precisar o sentido da pala- vra evolucionismo no ponto de vista em que nos collocamos, pois que d'ahi depende a boa orientação que deve ter o Direito Civil.

(Continúa).

RODRIGO COSTA.

## Após a tormenta

(A JOÃO BARAFUNDA)

Somente mar e céo.. sobre o lenho fluctuante Eis me de novo; apraz-me essa perpetua lucta Em que do largo oceano, agora em furia bruta, Rasga o seio onduloso o barco triumphante.

Ha pouco, serenando as rugas do semblante, Cuidei que elle cedia aos transes da labuta; Da procellaria, entanto, a triste voz se escuta E ancioso olhava os céos o lasso navegante.

Mas o porto apparece entre as brumas; o bando De aves da costa passa e além, além se perde No indefinido azul de sua immensa raia.

Velas surgem, a trecho, algas vagam, boiando, E ao longo da enseada, aos poucos, calma e verde, Se avista a faixa curva, alvissima da praia.

AUGUSTO CAVALCANTI.

## Uma sociedade de letras

A mocidade tem a nevrose das aspi- rações.

Do agir de musculos da sua alma, a eclosão d'essa ancêa infinita que cre- ações sociaes condensam e transfiguram em seiva do pensar e energia do sentir.

O ideal tem empolgado o seu espiri- to e será sempre promessa e força, a de- albação do que a humanidade sonha e consubstanciação do que a humanidade crê.

Desabrochamento da liberdade, eclodida nas accões cruentas « comme une fleur de pourpre au milieu d'une maire de sang » servindo-me do que o profun- do Taine diz referindo-se ao Edda; bri- lho da sublime incrustação das ideias, triumphantemente concentra em si, como o sol, vida e luz!

E' mirifica na mais insignificante das suas manifestações, como essas nebulo- sas no mais diminuto ponto luminoso...

Isto suggere-nos a vida de uma so- ciedade de letras que como extranha *edelweiss* tenta-nos aberta na gelidez sceptica do nosso meio social.

Seu nome, como essas euspides que atiram-se para o alto... recorda um titan de nossa actividade intellectual, cuja alma no cyatho doirado da poesia bebeu a tonalidade vibrante da nossa natureza.

E' a Sociedade Gonçalves Dias, onde pela primeira vez embalam-me, esses sonhos sublimes, que juventude em fora, rosal aberto em oiro de alvoradas... condensam na unção de um cantico-a vida; n' um luminoso sonho, o espirito..

Quando transpuz o seu portico, a primeira emoção que invadiu-me todo foi: —amal-a.

E depois reconheci que em mim tinha sido uma simples reprodução, pelo assombroso prodigio de cohesão nella operado.

Por isso com a resignação de um cren-te e insuflado de uma sublime audacia tenho respirado o ambiente de transição que por vezes a tem envolvido e que longe de infirmarem-nos, tem sido o tórculo de nossa energia.

A mpla escala existencial de beryllo ascende, ha nove annos.

Infelizmente o que promana do nosso esforço intellectual mencionam apenas, simples resenhas publicadas hebdomadariamente. Entretanto dissertações sobre diversos ramos dos conhecimentos humanos têm patenteado estudo detido e grande intelligencia por parte de certos moços que se quisesse apresentar começaria pelo Dr. Luiz Gomes, moço que impõe-se-nos pelo cerebro e pelo coração. Os versos de Fiuza de Pontes, *fakir* da forma, cujas rimas chocam-se como crystaes; os de Olympio Galvão que penetram-nos como a unção de um *smorzando* de violinos; e o *satanism* de Aristhen de Andrade, cito de proposito, como *nuances* na poesia.

Basta.

Como o *boavos* do Libano, tem lampejos na sombra.

SORIANO DE ALBUQUERQUE.

### A prova dos methodos

A solidariedade existente entre os estudos de methodo e os estudos scientificos faz reflectir sobre os primeiros toda a importancia dos ultimos, importancia que, por haver sempre no desenvolvimento de qualquer problema de methodo implicita uma solução do problema da prova dos methodos, reflecte por sua vez sobre este. Consideral-o abstrahindo de todos os outros problemas, collocal-o em plena luz perante a consciencia, é, por consequente, de necessidade. Eis o que vamos aqui fazer, alvejando o unico resultado que podemos attingir: tornar claras e definidas as nossas proprias idéas a este respeito.

Julgam os logicos provar a razão de ser de uma regra de methodo, desenvolvendo deducções em sua deteza. Quando appellam para a conformidade dessas regras com os methodos actualmente empregados pelas sciencias, ou para a historia das sciencias e dos methodos scientificos, esses argumentos são sempre rapidamente representados um papel secundario.

Entretanto, taes syllogismos nada podem provar, porque são todos elles viciosos.

São viciosas as deducções tiradas do principio da necessidade racional. As regras de methodo são desse principio

deduzidas por uma serie de dous raciocinios: deduz-se da inconceptibilidade da sua negativa a verdade de um principio (o principio de causalidade, por exemplo), e do principio assim fundamentado deduz-se directamente a regra de methodo. Mas, para que esses raciocinios alguma cousa provassem, era preciso que o principio da necessidade racional estivesse acima de toda duvida e a sua applicação fosse susceptivel de produzir resultados accordes. Ora, elle não satisfaz nenhuma dessas condições. Repellido por numero consideravel de philosophos, todo o positivismo e todo o materialismo, os argumentos com que tem sido fundamentado estão destruidos (\*). E, por outro lado, todo juizo sobre a inconceptibilidade de um principio depende dos juizos e paixões com esse juizo relacionados. De facto, os juizos sobre a inconceptibilidade de um principio variam immensamente. Assim, a existencia ou não existencia de Deus tem sido aeste respeito objecto de quatro opiniões entre si contrarias: para os materialistas, só a primeira é inconcebivel; para os espiritualistas, só a segunda; uma e outra, para Spencer; nenhuma dellas, para Huxley.

Do principio empirico é tambem impossivel deduzir a razão de ser de uma regra de methodo. Sem duvida, a sensação é a causa de todas as idéas, *verdadeiras ou falsas*; mas deduzir d'ahi regras de methodo é uma verdadeira criação *ex nihilo*, visto como entre o principio empirico e aquellas regras não existe relação alguma. Esse principio não fornece nenhum criterio para distinguir as proposições falsas das verdadeiras; não pôde, por consequente, ministrar regras á prova. Nem tão pouco pôde ministrar-as á investigação, porque elle nada informa sobre as possibilidades de erro e a natureza dos erros que se apresentam no trabalho scientifico. Certamente, tem o principio empirico a sua função na logica, mas essa função é exclusivamente negativa. Retira toda força a certos argumentos ainda hoje apresentados em tratados de logica—os argumentos firmados na origem *á priori* das idéas. Elle não é nestas questões sinão uma força demolidora da dialectica desses logicos; não construe, nem destroe regras de methodo.

Dir-se-á que as regras de methodo podem ser deduzidas de outras regras de methodo mais geraes que as primeiras? Mas a falta de prova para estas ultimas torna essas deducções invalidas. Que importa sejam ellas postuladas por alguma ou algumas intelligencias das mais notaveis? Só podem ter uma idéa, clara e accommodada aos factos, das necessidades de investigação e da prova nos problemas desta ou daquella especie aquelles que têm feito desses problemas objecto de seus estudos, conhecem-nos directamente,

(\*) Essa refutação encontra-se em Stuart Mill, *Système de Logique*, tom. 1.º, pags. 302—313.

pozeram-se com elle face a face, tentaram descobrir-lhes as respectivas soluções e verifical-as. Contrapôr aos methodos praticados pelas sciencias as vistas subjectivas de um ou mais logicos de autoridade é desconhecer a mais legitima e poderosa de todas as autoridades: a sciencia em seu conjunto.

Em substancia, a deducção não pôde provar a razão de ser de uma regra de methodo, visto que só os principios scientificos estão acima de toda duvida, e, estabelecendo todos elles relações de facto, não se prestam a premissas de relações, por assim dizer, de direito, como são as estabelecidas pelas regras de methodo.

(Continúa).

BENTO BANDEIRA.

### A Ilhota

(A Felinto de Gouveia)

Margeavamos a riba esquerda d'um grande rio que singrava por entre a florescencia mirifica d'uma vegetação luxuriante...

Um céu azul claro, envolto nos risos puros d'uma alegria immensa, ostentava-se radiante e deixava que dentro de sua azulina abobada passassem nuvens esgarçadas como fibras de cambraia.

O sol ia tombando... e o horisonte ornado de aureas ondas fulvas parecia um mausúlcó riquissimo d'um rei oriental com aquelles esplendores que a lenda sabe crear e harmonisar para nos transmittir; emquanto do outro lado, regaços de arminho feitos de nuvens lactescentes presidiam o nascimento da Lua, pallida como a pallidez risonha das pétalas do bogari.

Este quadro segredou-me alguma cousa de phantasia, algo de realidade: Eu via no sol que se atufavaa rubra côr do desespero—a morte—e na lua ascensionando por entre frouxeis de blandicias, por entre um mixto de azul e branco, envolvida em faxas de sorrisos brancos, via a innocencia—o nascimento. Perplexo diante a tela magestosa que transluzia os dous extremos da vida eu ziguezagueava n'um phantasiar morbido de recordações saudosas.

Este pensamento passou me pela imaginação como milhares d'outros que succediam-se a cada quadro vibrativo e palpitante dos innumerados que a natureza tem e é prodiga em reproduzil-os.

Era a hora favorita dos poétas; era a hora das saudades que nos transportam ás regiões mysticas do extase na dulcorosa anestesia d'um somnambular constante; pensando em cousas adoraveis que reflectem-se sobre aquelles por quem temos o culto d'uma religião a quem adoramos na immaculada pureza de almas impollutas; mas eu

não tinha saudades e n'aquelle instante era mais feliz de quantos mortaes houvesse. Desprezava o trillar da passadeira, semelhante a uma lyra phantastica cujas cordas fossem fios de orvalhos chrystalisados, dedilhando-a o anjo que possui a chave dos corações. Sentia bafejar-me a fronte abrazada pelo calor d'uns olhos o halito constante da viração da tarde perfumosa e inebriante, nos meus olhos o deslumbramento da luz nitente d'uma aspiração unica. Estava junto della que era mais linda que as estrellas, quietinha-a fresquidão das rosas, mais delicada que a setinosa petala do lilaz, della idolo de minha alma idolatra.

Passeavamos juntos, ouvindo a linguagem silenciosa das flores em madrigaes de perfumes, o ruflar faceiro das azas polychromas dos colibris doudejanates, a eloquente nudez da natureza viva.

Margeavamos a riba esquerda d'um grande rio que singrava por entre a florescencia mirifica d'uma vegetação luxuriante. Elle corria vertiginosamente, affrontosamente, não encontrando obstaculos em sua passagem como o collear ligeiro d'uma enorme serpe amedrontada.

As suas aguas eram claras, o seu aspecto encantador.

D'um e d'outro ladoviamos o scintillar de florinhas brancas que denunciavam a pureza virginal, engastadas n'um céo verde-mar de juncaes vicejantes lembrando-nos a esperança, o alento unico das almas soffredoras, das almas santas.

O rio sempre grande, immenso, estuante synthetisava a força, o poderio, a magestade esmagando os estorvos que ousassem enfrontal-o.

Paramos... Ha cousas tão naturaes, tão simples que todo dia vemos, porém que se agigantam atravez da observação nevrotica d'um temperamento feito de sonhos e crenças.

Meditamos... E então o meu coração segredou-me: — Tudo tem sua linguagem, tudo tem sua alma... Ha uma expressão de magua no cantarolar do passaro engaiolado; ha uma vibração de dôr no troar do machado que decepa a arvore... Tudo vive, ouve, vê e falla. A lua murmura em redondilhas de luz confidencias amorosas aos corações sensiveis.

O sol transluz um poema viril — o trabalho...

Durante todo este tempo estavamos aparentemente callados, deixando fallar inspiradamente os nossos corações cheios de phantasia, porque abysmava-nos o esplendor da natureza.

Contemplavamos todos os seus caprichos; indagavamos os seus mysterios e a resposta prompta, eloquente, arrogante como a verdade nos vinha do nectario da flor d'onde surgia um insecto prenhe de mel, na brisa que soprava amenisando as verdes folhas d'um arbusto que o sol fel-as murchar.

Além, muito além pela correnteza do rio a fóra, lobrigamos um ponto negro que acompanhando o ondear das aguas descia precipitadamente.

Pouco a pouco veio se approximando até que divulgamos o que era, uma ilhota bordada de verdes côres, onde brotava uma só flôr.

E ella vinha como um coxim de fadas serpenteando pela superficie esmeraldina crispadas de leves flexuras do rio naquellas horas. Afigurou-se nos phantastica, vista através da luz caçada do crepusculo que em syncopes de luz ia se esvaindo por entre a escuridão da noite.

A interessante ilhota approximou-se muito de nós e a virgem seismadora que contemplava o rio apontou para a ilha sulcando as aguas.

Quebrara as angusturas do silencio que nos tornara mysteriosos na contemplação arrebatada da natureza... e a ilhota desliza-se pelo brocado das aguas qual uma escuma ligeira.

Então, hypnotisado pela simplicidade, naturalidade do quadro por nós descortinado disse-lhe:

Viste a verde côr que possui a ilha-sinha como que alcatifando a areia onde erguia-se um arbustosinho com uma linda flôr suspensa nos seus debéis ramos... viste? Agora repara a correnteza do rio em ziguezagues de velocidade... E enquanto a minha companhia de passeio e das mesmas impressões olhava, eu murmurava tímido ao seu ouvido: a flor do sentimento cujo perfume embriaga e mata as almas apaixonaveis tambem brota no nosso ideal puro,ilhado na materia e desliza-se pela corrente que não conhece obstaculos do grande amor...

Fizemos uma pausa enquanto olhávamos a ilhota que desaparecia na correnteza do rio.

CORRÊA LIMA.

### A instituição do Jury

Garofalo, o S. Paulo da «nova escola» de direito penal, occupando-se em sua Criminologia da velha instituição do Jury, denomina-a um expediente infeliz de epochas barbaras, perpetuando até os nossos dias como uma instituição inseparavel da liberdade politica de um paiz, accrescentando, que ella é uma escola em que se aprende que as ameaças do codigo são quasi sempre vãs, que o malfeitor tem tudo a esperar e que o crime é muitas vezes não só perdoado mas até glorificado.

E' com estas funebres palavras que o projecto criminalista italiano fulmina a grandiosa magistratura popular, que apoz longos seculos de vicissitudes e multiplas alterações pude chegar até nós, jocirada de todas as asperezas primitivas.

Ao lado de Garofalo que pede a eliminação do Jury a bem da defesa social, por ser elle em vez de um tribunal de repressão, um simples elemento de

criminalidade acham-se os nomes laureados de Tarde, Lombroso e Ferri e muitos outros, todos de mãos dadas no trabalho de supressão da «velha inspiração do genio legista dos anglo-saxonios.»

Mas apesar da grande somma de autoridade que esses nomes representam apesar do grande valor scientifico de cada um delles, o Jury será sempre a grande instituição tutellar da justiça criminal, uma das mais democraticas instituições judicarias.

Supprimil-o, eliminal-o como querem os «novos terroristas» do direito penal, na phrase de Lucchini, seria abrir uma brecha profunda na civilização, seria um passo dado para o dominio de uma nova especie de despotismo.

Mas não serão apostrophes apocalypticas dos antistites da nova escola anthropologica que derruirão a arvore secular da velha instituição, cujas raizes mergulham fundo no solo de tempos immemoriaes, porque se ha um dado positivo na situação moral de nossa idade, escreve Brusa, é a certeza de que a consciencia liberal dos povos modernos não toleraria a supressão do Jury.

Corôas, aristocracias, igrejas, tradições immemoriaes, formas venerandas, accrescenta Ruy Barbosa, o insigne jurisconsulto brasileiro, têm cahido, ao tumultuar das revoluções; mas a justiça dos jurados passa illesa atravez das catastrophes politicas, como se uma dessas necessidades inconscientes e irresistives da nossa natureza, agulha fiel no delirio das tempestades, não cessasse de lembrar as nações que perdido esse direito, com elles se perderiam todos os outros.

O Jury não é como quer Enrico Ferri, uma instituição regressiva, segun-dos dados da historia e da sociologia, representando a phase medieva e instintiva da justiça penal.

Ao revez disto, elle é a instituição que mais sabiamente exprime a justiça democratica, é a consubstanciação mais nitida do espirito liberal de todos os tempos, a affirmação eloquentissima da liberdade individual, é uma instituição, diz um escriptor, que surge e morre com a liberdade.

Negal-o, só por espirito de mais frivola opposição á evidencia clarissima dos factos.

Dizer, escreve ainda Ruy Barbosa que o Juiz nos atraza a um periodo instutivo da civilização, nos reconduza a idade media, é não obstante os nomes de Lombroso, Ferri e Garofalo, um desses abuzos de logomachia dos systemas, tão autorisado pela verdade quanto o que denunciase uma entidade retardataria e mediavel no governo representativo, cujas remotas origens se perdem, tambem muito longe, na Germania de Tacito e na lucta das barões inglezes com João Sem Terra em principio do seculo treze.

As duas instituições descem das mesmas vertentes para o mundo contemporaneo, apresentam mais ou menos a mesma antiguidade, e o parallelismo

da sua evolução, da sua consolidação, da sua propagação evidencia uma afinidade quasi organica, de que a historia de mais de um seculo nos mostra indícios constantes.

Originado na Inglaterra, o jury antes de aclimatar-se ás outras nações do continente transportou-se para as colonias americanas que facilmente assimilaram-no. Em seguida passou á França, onde teve de soffrer innumeras vicissitudes, ora sendo supprimido, ora modificado mais ou menos profundamente conforme as alternativas por que tambem passava a liberdade.

Da França o jury foi semeado na Belgica e em seguida aos outros paizes, sendo hoje adoptado na maioria das nações europeas. Recebido no Brazil no tempo da monarchia, fomentado pela constituição republicana, tendo soffrido já algumas modificações em alguns Estados da União.

(Continúa).

LAUDELINO BAPTISTA.

### Cartas na mesa

Vão, Srs. parceiros, estamos com as mãos cheias de triumphos e achamos bom arrearem as cartas: *manilha, rei, valete, sota, oito, sete, seis e cinco* de copas; passem para cá o *az* do mesmo naipe, e venha de lá esse *roque*. Podíamos até ter *bolado*, se não houvesse dous *furos*, isto é, o collegnismo e a amizade particular que nos ligam uns aos outros.

Fallamos para o publico e para os *desviados* do Congresso Academico, mas nos referimos aos ultimos exclusivamente, a estes, que se reúnem, aos domingos, na Hospedaria da Soledade, para tratar de assumptos *graves e importantes*, pendangas que dizem respeito a nove (!) moços academicos, porque, é preciso que se note, a Faculdade de Direito mudou-se da Praça 17 para o largo da Soledade, Casa de Pensão, e apenas este anno conta com o minguido numero de *nove* estudantes, designados a dedo!

Felizmente este facto infeliz vem, *no brando*, desmentir a presumpção sem nome de que os moços de hoje são exclusivamente fidalgos e commodistas.

Não ha tal. Quem foi que, no Congresso Academico, que funciona em uma das salas da Faculdade de Direito, já se repimpo em uma *chaiselongue* ou em um confortavel espreguiceiro a Luiz XV, durante as reuniões semanaes, saboreando a limpida fumaça de um *quebra-queixo*, de envolta com os ditos picantes que constituem todo um expedienté intimo e despreocupado?

Quem foi que já gritou para o *garçon* da Academia: saia um *móca*! suspenda os óvos! sópa! gêlo a dous! e todas essas expressões banaes de *res-*

*taurant*, sem as quaes um janota não pode ser tido e havido como *habitué sans faute*?

Entretanto, em outros tempos, na Faculdade contavam-se centenas e mais centenas de moços que achavam macios os duros bancos *de bois* que ainda lá existem, e não tinham café nem sópa, ovos nem gêlo; apenas *mastigavam* o pão espiritual que lhes fortificava a alma, simples pão *sans beurre*, ao alcance de todos, que não era arranjado pelo *garçon* que visava a *gorgêta* da pragmatica, mas emanado das sabias prelecções dos mestres, cujo unico interesse se resumia da difusão de luzes, preparando futuros ensinadores para a perpetuação dos conhecimentos scientificos, da mesma maneira que se perpetua a especie humana sob a suggestão irresistivel dos prazeres do amor.

Não! Os moços de hoje não são, como se presume, tão fidalgos e commodistas: nós, por exemplo, preferimos ficar no primeiro Congresso; neste Congresso de banco de páo, que não tem *chaises-longues*, nem fornece, a miudo, café delicioso em chavenas *mi-gnonés*: somos pobres, obscuros, humildes, e essas cousas até nos fazem mal.

Que querem, se a isto não estamos ainda acostumados? O Congresso de lá é mais limpo, mais elegante, mais chic, tem *bambinellas*, alfombras (cremos que até piano para acompanhar recitativos e outras exhibições congenereas); mas não tem presidente, nem thesoureiro, nem orador, nem archivo, nem estatutos, nem gente, nem razão de ser, nem.... e um Congresso assim não é Congresso de ninguem, nem nada.

São uns pandegos os taes Srs. congressistas da outra banda (dizemos da outra banda porque a futrica é lá no *terro da Boa-Vista*): arvoraram-se em mandachugas, porque entendem que *quem nunca se arriscou, nunca perdeu nem ganhou*, e, mettendo os pés pelas mãos, cahindo de incoherencia em incoherencia, de erro em erro, fizeram mil e uma tolices, praticaram toda a sorte de palhaçadas, eliminando a uns, suspendendo a outros, por conta e risco da *troupe* acrobatica, como se nós fossemos tão meninos, tão ingenuos, que levassemos a serio quanto fizeram e desfizeram, porque, em resumo, para nós elles não fizeram nada!

E é esse Congresso de *oitiva*, essa companhia de saltos mortaes e corda bamba, cujo *elenco* não tem director, nem empresario, nem cousa alguma que o valha; é esse Congresso feito ás pressas, na sua totalidade composto de *recrutás*, que presume ser o genuino, o rotulado, o legal, o infallivel, o recto, o coherente, o justo, o sabio, o *non plus ultra*, o que não sabemos como classificar-o... porque, francamente, elle não tem classificação no rol das cousas serias.

São uns pandegos esses Srs. congressistas da outra banda...

AUGUSTO ARISTHEU.

### Colibri

(A Newton Burlamaqui)

Fresca manhã primaveral.

Levantei-me de minha rêde morna e fui abrir a janella que dá para o levante. Estava quasi nebuloso, mas o sol emergindo em luminosa ascensão por traz do alvadio estendal de nuvens, apparecia, pompeando enleircidas rêpas, no alto da cordilheira de nevoa que orlava de aurirozada fita.

A oxigenada aragem que antes ciava por entre as fagulhas da veneziana, ao escancarar a janella invadiu a pequena alcôva e perfumou-a: sorvilhe uns haustos vivificantes e em seguida abri a janella que deita para o jardim. Que deslumbramento esplendente de verdura e florescencia! Havia rociado a noite e ainda cahia tenuissima chuvisca que o sol, que já se ostentava vivo e garboso transformava em chispante granisação bolsanica de oiro. A grama que velava a superficie de jardim mais parecia sentineo manto estrelejado e verde. Junto, na devesa proxima ao jardim, uma infinidade de sanhassus, patativas e pintasilgos cantava de adermentar a quem ouvisse!

Era bella essa manhã. Animei-me á ir lá a baixo visitar as flores. Peguei da Flobert e desci. Entrei pela portinhóla da devesa: parei sob a ramada das arvores e alli fiquei deliciando-me com o canto da passarada... Enveredei para o jardim. Dois prófugos colibris adejavam, de flor em flor parando, mergulhavam no calice de todas o afilado liquinho a procurar no fundo o mel pourrissimo.

Um delles poisou sobre o caule de um malmequer; o outro voejava. Por instincto de fria malvadez—ou por estar de espingarda á mão—veio-me a idéa criminosa e bruta de atirar sobre a mimoza aveziinha. Não reflecti. Levei a arma ao rosto e apontei o pobre colibri poisado: o tiro explodiu surdo, o volati! cahio!

Corri solícito, desviando-me dos arbustos e das flores, em busca da preciosa caça; apanhei-a, estava arguejante. Fiz da mão um ninho e colloquei-a dentro. Era pena vel-a estorcer-se, anciando com as dôres causadas pelo minuscuro projectil que afezera. N'esse momento o colibri que volitava sentou-se no broto de uma trepadeira e, olhando em derredor, procurava descobrir o companheiro entre a folhagem basta do roseiral florido. O muribundo vende o gentil amiguinho, escapou-se-me por entre os dedos é, n'um vôo levemente pezado, fugiu, encontrando o outro, que já errava sobre a vegetação viçosa e humida, no ar. Vi-os jungidos, no abraço estreito e derredreiro a piár, percorrerem quasi todo

o vergel á vôo tortuoso e atôa! No espaço ainda desprenderam-se e afastaram-se como as duas extremidades de uma linha recta. Um vôo em direcção a mim e a meus pés tombou, — produzindo na quêda o mesmo que uma rosa do Japão poderia produzir cahindo, — emquanto que o outro desappareceu célere na hirsuta ramaria d'um jambeiro que ficava além...

Instincto meu perverso, não sabias que dos colibris a vida é beijar flores? Eneo coração não ama voadores!...

\*\*\*

Peguei de novo o franziuo cadaver do colibri e subj as escadas triste e apprehensivo.

\*\*\*

Habilmente embalsei o doirado corpo do infeliz passarito. Todo o resto do dia passei aborrecido. A noite após ligeira insomniã dormi, e logo sonhei que as flores do jardim e o passaredo que no souto cantava, em prestito funebre traziam um esquite petaleado, entretecido de madeixas loiras; lumbuosas lagrimas celestes, engastadas nas bordas do feretro, luzião como cirios. Dentro vinha o colibri inanimado.

As flores mudas descoloridas lagrimavam. A passarada n'uma entoação plangencial e dorida, algo de cantar febil, algo de dulcissima supplica, pedia-me para ultimo poiso do colibri finado, a aba do chapéo da mulher a quem amasse!...

\*\*\*

Ao nascer dalva crastina, ao despertar, lembrei o sonho e notei que lá fora nem sequer cantava um sanhassú!... Depois peguei o colibrir que parecia redivivo e levei-o a minha noiva. A tardinha a vi divagando pelas aleas de tamareira de seu jardim e um bando de rutilos passarinhos esvoaçava-lhe em torno.

\*\*\*

Os instantes mais felizes meus, são os que passo ao lado do anjo dilecto: mas quando elle traz o chapeo que serve de tumulo ao colibri, vem-me á lembrança os dois agarrados como que a despedir-se, a scena do sonho e uma tristeza vaga e indefinida povôa-me o coração opprimindo-me o peito.

\*\*\*

Nunca mais um tibio trino de pintasilgo inebriou-me a alma; não mais um chilro doce e meigo de sanhassú embeveceu-me o espirito; nunca mais despertei emparazado com o cantar meliflúo das patativas dasébe; até hoje não mais ouvi uma nota unica da passarada!... Temendo talvez a minha atrocidade rufaram as azas pelo azul... Arribaram...

Recife-19-8-97.

JULIO MONTENEGRO.

## Archivo

A' 4 deste mez, anniversario natalicio do erudito Mestre Dr. Clovis Bevilacqua, socio honorario e collaborador

do *Congresso Academico*, o nosso collega de redacção Rodrigo Costa levou a carta que lhe escreveu o corpo redaccional desta revista, felicitando-o por esse facto auspicioso. O Dr. Clovis Bevilacqua agradeceu penhoradissimo as palavras que lhe dirigimos e pediu ao nosso collega que transmittisse os seus agradecimentos aos demais collegas da redacção,

Eis a carta alludida:

*Illustre Mestre.*

Quando a patria prescruta suas grandezas e delicia-se com os triumphos dos seus filhos é sobremaneira agradável e consolador que as intelligencias de eleição sejam sagradas, no supedaneo da historia, com os applausos dos coevos.

Hoje, que o vosso lar se enche de intimas expansões affectuosas, pois que completaes o vosso natalicio, nós, os redactores do *Congresso Academico*, vimos apresentar-vos as nossas sinceras saudações, fazendo votos para que se reproduza esta data para maior gloria da sciencia, de que sois indefesso apostolo.

O *Congresso Academico*, modesta folha dos moços da Faculdade de Direito, que tendes honrado sobre modo com a vossa notavel collaboração, rejubila-se pelo dia de hoje, certo de que assim o fazendo, trauez os bellos sentimentôs generosos da mocidade academica.

Bem podemos applicar-vos a phrase de Scherer quando a respeito de Renan dizia: *il est le plus accompli de nos ecrivains*; porquanto o monumento juridico por vós engendrado constitue já precioso thesouro onde brillam, em scintillações mirificas, a elegancia do periodo, a profundeza do conceito, a clara exposição do Direito de envolta com uma erudição rara.

Mestre illustre, desvelado pae e grande caracter adamantino, formado nos preios da intelligencia, acceitai os nossos cumprimentos.

— Publicamos no presente numero do *Congresso* o segundo trabalho da nossa distincta collaboradora A. F. B., que deste modo attesta a sua amabilidade e summa gentileza para comnosco, terçando as armas litterarias no proprio microscopo de nossa actividade mental.

— Honra as columnas do *Congresso Academico* o joven Mestre Dr. Samuel Mac-Dowell filho, com um bello artigo sobre historia do direito. Para nós é sempre incentivo ao trabalho vemos os privilegiados talentos, que illuminam a cathedra magistral da Academia, descerem até nós e por momentos confabularem comnosco, enfeixando as brillhantes perolas de sua intelligencia na mesma taça idéal do pensamento.

— Por falta de maior espaço deixamos de levar aos nossos caros leitores leitores, em artigo editorial, a manifestação solemne do prazer que nos vai n'alma pelo termino da fratecida guerra de Canudos. Syntherisando, porém,

as nossas expressões, registramos pasmados a bravura indomita do nosso exercito, bravura mais que, humana, bravura de que a historia nos dá constantes exemplos. Nem o estado de abatimento physico, aggravado dia a dia pela fome, pela peste e pelas grandes perdas; nem a posição estrategica que occupavam os jagunços, um só momento levaram ao espirito convencido dos nossos soldados, um atomo sequer, de enfraquecimento, de desanimismo! E' que elles, embora mumificados pela fome e pela sêde, esqueciam qualquer idéa de conforto para encarnar no seu patriotismo a imagem da patria afflicta que o reclamava!

Bello exemplo de abnegação e coragem, foi o que acabou de dar-nos o glorioso exercito brasileiro esmagando o fanatismo ignaro.

— Continuamos a receber a visita dos distinctos collegas: *Provincia, Jornal do Recife*, 2.º numero da *Escola de Direito*, traz a bellissima conferencia sobre Gonçalves Dias, do esclarecido Mestre Dr. José Vicente; 3.º fasciculo da *Crença* com magnificos artigos de actualidade; *15 de Novembro* e *Tuba do Pará*; *Orbe*, a quem agradecemos as palavras lisongeiras com que acolheu o nosso 4.º numero; *Gazetinha*, do Rio-Grande do Sul; *A Tribuna, Iris e Oasis*, de Natal; 30º fasciculo da excellente *Revista Catholica* do Rio; *O Estudante*, do Maranhão; *A Imprensa*, de S. Paulo; *O Centro de Minas*; *Trabalho e Palavra*, de Penedo.

— Recebemos uma attenciosa carta do bibliothecario do *Club Litterario de Palmares* pedindo lhe mandemos a nossa Revista para sua bibliotheca.

Accederemos gostosamente o pedido do *Club*, enviando não só o n. 5. como tambem todos os atrasados que tivermos.

— O artigo do nosso distincto collega de redacção Newton Burlamaqui, conclusão do que escreveu sobre *Genesis do Processo*, publicado no 3.º numero do *Congresso Academico*, não sahe ainda neste numero por se haver ausentado desta capital na vespera da paginação do nosso jornal sem nos ter deixado o autographo.

— Deixaram de fazer parte da Sociedade *Congresso Academico* os Srs. Alvaro Ottoni, Paulo Amaral, Heitor Castello Branco, Araujo Costa, Correia da Silva Filho, Henrique Couto, Flavio Baptista, Caetano Pinto Malheiro e José Gonçalves Costa.

— No escripto sob o titulo—*Club Polytechnico* do nosso collega Eurico Chaves publicado em o nosso numero anterior, deram-se as seguintes incorrecções, além de outras de facil emenda: *admissão* em vez de *admiração*, *moços da Engenharia* em vez de *moços da Escola de Engenharia*, *nem arrombo*, em vez de *um arroubo*, *delicias*, em vez de *deleite*, *constatando* em vez de *contrastando*, *assignado* em vez de *assignalado*.

30/1911

### SOLILOQUIO

Meu anjo, aonde estás? Plangentes, agoureiros,  
 Sinistros, longe, os ventos quebram forasteiros,  
 Dolentes, a mudez dos plainos sideraes;  
 Procuo ver-te... escuto... em rude anciedade  
 Regela-se o meu ser... contemplo a immensidade,  
 Não vejo-te... onde estás?

Para onde ao sorrir das brisas te evolaste  
 Do céu ave gentil? assim porque deixaste  
 Minh'alma a delirar, tão só meu coração?  
 Repousas, meu amor, aonde? em que meditas?  
 Te alastram de paler as ondas infinitas  
 De gelida afflicção?

Quantas vezes, feliz, no iris dos seismares,  
 De extasis perdido, á luz dos seus olhares,  
 De enlevos n'um frouxel, a vida um sonho ethereo  
 Julguei-me resvalar... e hoje?! quem diria  
 Que atroz desillusão, nos antros se escondia  
 De livido mysterio? !..

E eu julgava, estulto, á flor do seu sorriso  
 A's naves me enleiar gentis de um paraizo  
 De encantos e de olencias, de harmonia e luz  
 E á tã virginal de languidas chimeras  
 Julguei trazer-me a calma de infantinas eras  
 O seu olhar a flux!

Eu via-a, quantas vezes!—lyrial phalena,  
 Que adeja em flor os ramos debeis da açucena.  
 Olhar-me aqui e alli, de risos na effusão...  
 E qual na limpidez de branda correnteza  
 A ave desce tremula... assim vir de surpresa  
 Beijar-me o coração!

E ella era um anjo! á tarde quando mansas  
 As brisas mal gemiam, envolto em suas tranças,  
 Em extase affaguei-lhe o rosto angelical...  
 Em lepidó adejar minh'alma estremeçia  
 De a ver assim... tão meiga!... e o anjo me sorria  
 Festivo e ethereal!

A' noite... quantas vezes! do luar rorente  
 No placido sendal, diaphano, languente  
 Vivi do seu olhar!... E alli... quem o retracta?  
 Nossa alma em terno idyllo iriava-se divina  
 Como a trança de luz, que a fonte adamantina  
 De aljofares desata!...

E ás rutilas manhãs!—dos paramos insontes  
 Apenas vinha o albor dourar o azul dos montes,  
 Seus olhos festivaes, risinhos mal despertos,  
 As sombras que envolveram-me alma inteira á noite  
 Já vinham dissipar das auras como o açoite  
 A ardencia dos desertos!...

Agora, que saudade immensa! que ironias!  
 Profunda solidão me envolve onde alegrias  
 Outr'ora me enlevaram!... que profundas magoas  
 Reveste a natureza, o céu!—languidamente  
 Modula eterno um ai, a face opalescente  
 Dulcissima das agnas...

E as lepidas manhãs de luz aureoladas  
 Rorentes voltarão; e as noites constelladas,  
 E as brisas e o luar murmurarão saudade!  
 Seus risos, nunca mais alli verei... sua imagem  
 Perdeu-se qual das aves tremula a romagem  
 No azul da immensidade!

Talvez a desvairar, lerás soltos, dispersos  
 Dolente os cantos meus!... lerás talvez meus versos  
 Chorosa e pensativa, a sós meu doce amor!  
 De ancios na voragem tímida estremeçes?  
 Quem sabe? agora mesmo em ondas te esvaeçes  
 De gelido palor!

Mas, não delires, não!—o desespero é um tumulto  
 Na vida meu amor!—um tenebroso cumulo  
 De brumas para o sol, de crimes para Deus!  
 Do meu cantar não ouves a caudal de arpejos?  
 Dormita... e por minh'alma o effluvio de teus beijos  
 Orvalhe os cantos meus!

AUGUSTO MEIRA.

### Vaidosa

(A FAUSTO BOTELHO)

Perdão, minha senhora: mas Vossa Excellencia  
 Tem orgulho de mais, orgulho de Condessa...  
 Quando olha para mim assim sem consciencia  
 Eleva muito e muito a livida cabeça...

Maria Edgeworth, a celebre escriptora,  
 Cleopatra, Xantippe e a lubrica Phryné,  
 Não tinham tanto orgulho assim como a senhora  
 Quando olha para mim co' o regio *pince-nez*.

E chama-me de *tóto*, e diz que sou *palhaço*.  
 Co' um sorriso funesto, ironico, ferrenho...  
 Vossa Excellencia ou tem o coração de aço,  
 Ou não tem coração no peito como eu tenho.

Eu quizera saber a causa desse orgulho,  
 Que tanto e tanto ostenta e delle até se gaba;  
 Que passa Março e Abril e Maio e Junho e Julho,  
 O anno, a vida inteira, e nunca mais se acaba...

Eu quizera saber a causa desse orgulho...  
 Se julga se formosa eu penso que a belleza  
 Não deve ser altiva e provocar barulho,  
 Quando a morte mais tarde extingue-a de surpresa.

Eu quizera saber a causa desse orgulho  
 Sem treguas, desabrido, orgulho ameaçador...  
 — Será por ter de *libras* um pesado embrulho?  
 E' cousa que p'ra mim não tem grande valor!

Eu quizera saber a causa desse orgulho,  
 Que me diverte mesmo em horas indispostas...  
 Em prantos, quando a vejo, crê que me debulho?  
 — Eu rio-me; acredite, até cahir de costas...

Não se zaugue commigo: amar-se uma creança,  
 Que não póde sentir o mesmo que sentimos;  
 Que nos rouba do peito a ultima esperanza,  
 E si-se se choramos, chora se nos rimos...

Não se zangue commigo: amar-se seriamente  
 A quem comprehende o mal que nos flagella:  
 Morrer por quem não vive, amar-se a quem não sente,  
 Por ter a presumpção de ser geitosa e bella...

Não se zangue commigo: de que serve, diga,  
 Uma estatua qualquer de páo, granito ou cobre,  
 Se não para lembrar a allegoria antiga,  
 Ou para ostentação da sala de algum nobre!

Não se zangue commigo, e creia-me, por tudo,  
 Que nada val p'ra mim a formosura, nada!  
 Quando o peito está morto, e dentro delle, mudo,  
 O coração siquer não bate uma pancada...

Assim, não posso crêr que um dia ainda captive  
 A mim, cujo espinhaço é duro como um lenho.  
 Vossa Excellencia ou tem o coração que eu tive,  
 Ou não tem coração no peito como eu tenho.

AUGUSTO ARISTHEU.